

# **A disseminação de Vipassana fora da Índia: Das sementes espalhadas ao fruto**

Bill Hart

Em junho de 1969, quando Shri S.N.Goenka embarcou no avião que o levaria de Rangun para Calcutá, pensou que fosse realizar uma viagem breve a fim de ajudar sua mãe na Índia. Esperava retornar para Mianmar, logo. No entanto, seu professor, Sayagyi U Ba Khin, conhecia o verdadeiro significado desta aventura. “A Hora de Vipassana Chegou”, disse. E revelou a Goenkaji “não é você quem está indo; sou eu que estou indo.” Os acontecimentos haviam frustrado suas próprias expectativas de restabelecer a prática de Vipassana na Índia e de disseminá-la de lá para todo o mundo. Agora, entendeu que Goenkaji faria este trabalho em seu nome.

Os sinais não eram especialmente encorajadores. Na Índia, o Buda era aclamado como um herói espiritual, mas seus ensinamentos eram vistos com desconfiança. E mais, Dhamma – a lei universal da natureza – viera a ser equiparada a uma seita religiosa e, em vez de unir as pessoas, as estava dividindo. Quanto a Goenkaji, conhecia somente um punhado dentre os milhões que viviam na Índia. Não havia motivo específico para supor que teria muita influência por lá. Parecia ainda menos provável que tivesse sucesso no Ocidente, onde o ensinamento do Buda era visto como uma religião estrangeira e a técnica de Vipassana era virtualmente desconhecida.

Por outro lado, Goenkaji tinha sido treinado sistematicamente por Sayagyi. Pela sua própria experiência, sabia que o Dhamma transcende todos os obstáculos e as divisões. E pela sua própria experiência, sabia que Vipassana oferece uma cura genuína para os males que todos encontram na vida.

Tal segurança o amparou à medida que deixava para trás seu professor e a terra do Dhamma. Amparou-o novamente na Índia à medida que entusiasmados meditadores insistiam em frequentar curso após curso, o que adiava o seu retorno para Mianmar indefinidamente.

De Bombaim (Mumbai) até Madras (Chennai), de Varanasi até Calcutá e de volta novamente, de templo para dharamsala, para escola, para igreja ou para mesquita, Goenkaji cruzou em todas as direções o subcontinente indiano repetidas vezes. Sua família contratou um secretário para acompanhá-lo, mas, afora isso, não havia qualquer organização para apoiá-lo, quaisquer diretrizes para montar ou gerenciar cursos, nenhuma dotação abastada para suavizar o caminho. Trabalhava inteiramente sozinho, mas como ele mesmo dizia, “Dhamma dispõe de mil mãos.” Homens e mulheres que aprenderam Vipassana sob sua orientação se prontificaram a ajudar no trabalho de muitas diferentes formas. E, assim, a roda do Dhamma começou a girar, mais uma vez, em sua terra natal, a Índia.

Foi talvez inevitável que ocidentais se sentissem atraídos pelo ensinamento de Goenkaji. Naqueles anos, muitos chegaram à Índia em busca de uma abordagem espiritual para a vida, algo que sentiam ter sido deixado de lado pelas suas próprias culturas. Tais buscadores correram para diferentes professores, mas com Goenkaji

enfrentavam um problema de comunicação lingüística: nestes primeiros anos, ensinava somente em hindi. É claro que falava inglês livremente, mas era o inglês de um homem de negócios e temia não fosse adequado para o ensinamento do Dhamma.

Após ter resistido durante um ano, finalmente, em outubro de 1970, cedeu às inúmeras solicitações prementes e viajou para Dalhousie, uma estação e veraneio nos Himalaias. Lá, pela primeira vez, conduziu um curso, dando instruções e proferindo palestras em inglês.

Com este simples passo, Goenkaji ampliou o escopo de seu serviço no Dhamma para incluir pessoas de todo o mundo que falavam inglês como primeira ou segunda língua. Para pessoas de credos e de formações culturais distintos, sua ênfase não sectária era especialmente atraente. Em pessoas de terras onde a ciência era a nova religião, sua apresentação do Dhamma como um ensinamento pragmático e científico encontrou eco. Goenkaji desenvolvera esta abordagem tendo em mente os indianos. Revelou-se igualmente eficaz para os cidadãos de outros países no Ocidente e no Oriente.

Mas o impacto não foi percebido imediatamente, exceto pela presença constante de um grande número de ocidentais nos cursos de Goenkaji na Índia. Pelo fato de não estarem atados por família ou por emprego, o seguiam de um ‘acampamento cigano’ para o outro, a fim de meditar ou ainda auxiliar na administração dos cursos. Mais tarde, quando foi comprado, em 1974, o terreno para a construção do primeiro centro de Vipassana, em Igatpuri, um punhado de alunos ocidentais imediatamente para lá se dirigiu a fim de dar início ao trabalho de meditação no local e a construir o futuro centro de Dhamma Giri. Desempenharam um papel essencial no estabelecimento do centro.

Naqueles anos, Goenkaji costumava dizer “minha tarefa é a de simplesmente espalhar as sementes.” Ele fez isto na direção de todos os quadrantes da Índia, mas o vento carregou algumas destas sementes muito além destas terras, até mesmo além dos oceanos. Os ocidentais que sentaram com Goenkaji no seu devido tempo retornaram aos seus próprios países. Lá alguns deles organizaram sessões semanais regulares para meditadores de Vipassana e até autocursos. Também começaram a publicar o Boletim Vipassana, que fornecia informação contínua sobre o trabalho no Dhamma de Goenkaji.

Mas os primeiros alunos ocidentais desempenharam outra tarefa muito importante: continuaram a instigar Goenkaji a viajar para seus países e a trazer o Dhamma às muitas pessoas que não podiam ir à Índia.

A princípio, Goenkaji declinou de seus convites. Antes de tudo, sentia que sua tarefa era a de estabelecer uma base sólida para o Dhamma na Índia. Somente após ter feito isto, consideraria a possibilidade de ensinar em outros países. Em contrapartida, encorajou outros alunos de Sayagyi a conduzir cursos no Ocidente.

Mas Goenkaji se recusou também por uma razão mais prática. Ele ainda possuía um passaporte de Mianmar, válido somente para viajar para a Índia. Estava impossibilitado de obter permissão para viajar a outros países. E embora pudesse facilmente se tornar um cidadão indiano e, assim, receber um passaporte válido, estava relutante em quebrar ainda outro vínculo com sua terra natal.

Em 1979, dez anos tinham se passado desde que Goenkaji começou a ensinar na Índia. Havia agora três centros naquele país e o núcleo de um pagode para meditação tinha sido construído em Dhamma Giri. Ele decidiu que tinha chegado a hora de levar o ensinamento a outros países. Recebeu seu passaporte indiano horas antes de sua partida prevista, voou até a França para conduzir dois cursos e, então, para o Canadá e para a Inglaterra.

Estes dois cursos galvanizaram meditadores no Ocidente. Viram que o Dhamma podia ser transmitido tão amplamente e tão eficazmente em seus países quanto na Índia. Descobriram que dispunham das habilidades e da energia para assumir o trabalho de organização e de gerenciamento de grandes cursos de meditação. O que é mais importante, aprenderam quão premente era a necessidade, a procura pela meditação Vipassana. Pessoas viajavam centenas e até milhares de quilômetros pela oportunidade de receber o ensinamento de Goenkaji. Outros, que se sentaram com ele na Índia, viajaram tão longe quanto só para servir os cursos. E naturalmente, ao término de cada curso, Goenkaji recebia mais solicitações para ensinar Vipassana.

Em cada um dos anos seguintes, novamente viajou para o exterior para ensinar na Europa, na América do Norte, no Japão, na Austrália, na Nova Zelândia, no Nepal e no Sri Lanka. Mas as visitas, mesmo uma vez por ano, certamente não eram o bastante. Cada país precisava de seu próprio programa contínuo para os cursos de meditação e instalações próprias para conduzi-los.

Enfrentar a crescente demanda estava muito além do poder de qualquer indivíduo. Mas diversos desenvolvimentos se combinaram a fim de possibilitar a disseminação do ensinamento de Vipassana de maneira mais intensa do que jamais fora possível antes.

Primeiramente, em 1980, Goenkaji decidiu que os cursos que conduzia no Ocidente deveriam funcionar segundo o mesmo sistema de arrecadação de dana do que na Índia. Até então, os participantes eram solicitados a pagar uma quantia fixa para cobrir as despesas de alojamento e de alimentação. Agora, não haveria mais taxas. Todas as despesas deveriam ser cobertas pelas doações de alunos agradecidos que freqüentaram cursos anteriormente.

Para alguns, era uma decisão que parecia arriscada. O conceito de dana não era familiar para a maioria das pessoas no Ocidente e as despesas envolvidas eram muito mais expressivas do que na Índia. Mas os antigos alunos espontaneamente ajudaram com doações e um fundo para organizar cursos foi logo criado. Os organizadores podiam sacar recursos do fundo para realizar as despesas iniciais, suprindo o fundo com doações recebidas ao final de cada curso. Desta maneira, o trabalho recebeu um apoio financeiro substancial, em concordância com os mais elevados princípios do Dhamma.

Um segundo desenvolvimento foi o esforço sistemático para gravar todo o ensinamento de Goenkaji transmitido em um curso de dez dias. Esta não tinha sido a primeira vez que fora gravado. Havia fitas de áudio de suas palestras, dos cânticos e de algumas de suas instruções de meditação que remontavam à década de 1970, e, em 1979, as fitas de vídeo foram gravadas. Tudo isto foi de um valor inestimável, especialmente para os alunos de Goenkaji fora da Índia. Mas ninguém tinha tentado gravar integralmente todo o ensinamento dia a dia, do início ao fim do curso. Agora, um meditador assumiu a responsabilidade de fazer precisamente isto.

Esta tarefa provou ser um serviço que exigia muito esforço e consumia muito tempo. Tantas variáveis estavam envolvidas e tantas coisas podiam dar errado. Nos anos seguintes, a câmera de vídeo e o equipamento de gravação de áudio pareciam seguir Goenkaji em quase todos os cursos. Logo em 1982, contudo, o projeto de gravação produziu resultados: o primeiro conjunto completo de gravações em alta qualidade apresentando os ensinamentos de Goenkaji em seu inteiro teor. Foi então iniciado o trabalho de preparar as traduções para a maioria das línguas europeias e asiáticas mais importantes.

O terceiro desenvolvimento surgiu em fins de 1981, quando Goenkaji nomeou seus primeiros professores assistentes – meditadores que receberam a responsabilidade de conduzir cursos como seus representantes, utilizando as gravações de seu ensinamento.

Com tais desenvolvimentos, fora da Índia, se tornou possível oferecer cursos de Vipassana como ensinados por Goenkaji ao longo do ano inteiro, não somente durante os breves momentos quando ele próprio podia viajar.

Em março de 1982, o primeiro curso de dez dias conduzido por um professor assistente ocorreu em Bodigaya, na Índia. Em meses, outros professores assistentes começaram a ensinar na Europa, na América do Norte, na Austrália e no Japão. Em pouco tempo, cada uma destas partes do mundo disporia de um programa regular de cursos de meditação Vipassana.

Quase simultaneamente, outro marco importante foi alcançado: o estabelecimento das primeiras instalações fora da Índia construídas especialmente para a prática da meditação como ensinada por S.N. Goenka. Em intervalo de poucas semanas entre si, propriedades foram adquiridas no nordeste dos EUA e próximo de Sidney, na Austrália. E, desta forma, os centros de Dhamma Dhara e de Dhamma Bhumi se tornaram realidade, para logo serem seguidos por muitos outros.

Atualmente, muitas das sementes espalhadas por Goenkaji brotaram e se transformaram em plantas que geraram frutos. Nos EUA, na Grã-Bretanha, na França, na Alemanha, no Japão, em Taiwan, na Nova Zelândia, no Sri Lanka, no Nepal, na Tailândia, no Camboja e na própria Mianmar centros operam sob a orientação de Goenkaji. Ali e em muitas outras localidades, cursos de Vipassana são oferecidos durante todo o ano – não somente os cursos regulares de dez dias, mas ainda cursos para crianças e para antigos alunos interessados em aprofundar sua prática.

Naturalmente, muitos alunos antigos consideram ser uma prioridade visitar a Índia com o propósito de meditar na presença de Goenkaji nas superlativas instalações dos centros mais antigos de lá. Mas, para os outros tantos que estão impossibilitados de empreender esta viagem, o Dhamma veio ao seu encontro.

Em 1969, ou até mesmo em 1979, ninguém podia ter imaginado que o ensinamento de Vipassana se disseminaria tão extensivamente – ninguém exceto Sayagyi U Ba Khin. Ele sabia que a hora chegara e que não poderia mais voltar atrás. Ele sabia que Goenkaji, embora aparentemente sozinho, seria auxiliado pelas mil mãos do Dhamma e que caminhos seriam encontrados para superar todas as dificuldades a fim de trazer o ensinamento da libertação a pessoas de todo o mundo.